

PERCEPÇÃO DE APOIO SOCIAL DE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS¹

Cássia Ferrazza Alves

Psicóloga. Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS.

Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS.

E-mail: <cassiaferrazza@gmail.com>.

Débora Dalbosco Dell’Aglio

Psicóloga. Doutora em Psicologia. Professora Associada do Programa de Pós-Graduação

em Psicologia da UFRGS. E-mail: <debora.dellaglio@ufrgs.br>.

RESUMO

Estudos têm evidenciado a importância da percepção de apoio social em diferentes etapas do ciclo vital. Este estudo, transversal e quantitativo, teve por objetivo conhecer a percepção de apoio social (apoio da família, professores, amigos e apoio geral) em adolescentes, considerando as variáveis sexo, idade e configuração familiar. Participaram 375 estudantes de escolas públicas da cidade de Porto Alegre/RS com idades entre 13 e 19 anos, que responderam ao instrumento Social Support Appraisals. As meninas apresentaram média significativamente mais alta na escala e uma maior percepção de apoio dos amigos do que os meninos. Não foram encontradas diferenças na percepção de apoio social considerando a idade e o tipo de configuração familiar. Discute-se a importância do apoio social em contextos como família e escola no desenvolvimento dos adolescentes e a influência de questões de gênero na percepção de apoio social.

Palavras-chave: Adolescência, Apoio social, Gênero

INTRODUÇÃO

De acordo com Cobb (1976), o apoio social é entendido como o conjunto de informações que levam um indivíduo a acreditar que é estimado, amado, cuidado e pertencente a uma rede com obrigações mútuas. Ao perceber que está inserido em uma rede de relações e que, ao mesmo tempo, pode contar com a ajuda das outras pessoas, o indivíduo tende a estar mais protegido nas situações de crises, facilitando estratégias de enfrentamento e adaptação às mudanças (Cobb, 1976). Considerando a adolescência como um período de mudanças na vida do ser humano, o apoio social pode ajudar nesta etapa do ciclo vital. No Brasil, a tradução de *social support* tem sido “su-

porte social” ou “apoio social”, que serão usados como sinônimos neste trabalho.

Ao estudar o apoio social, os pesquisadores descrevem duas formas em que o apoio é evidenciado, conhecidas como dois ‘modelos de suporte social’: o modelo do efeito direto (*buffer*) e o modelo de efeito principal (Cohen & Wills, 1985). No primeiro modelo, o apoio atua de forma protetiva aos indivíduos que passam por alguma crise ou situação estressante, seja agindo já na situação estressante ou tentando evitá-la. O segundo modelo, por sua vez, avalia o grau de interação do indivíduo na rede de apoio, verificando o quanto o indivíduo percebe que pode contar com o apoio das outras pessoas, não atuando diretamente em situações de crise. Por exemplo, ao investigar o apoio social como efeito principal, é perguntado ao jovem em quem ele confia e acredita que lhe

1 Apoio financeiro: CNPq, FAPERGS, CAPES.

apoia. Em ambos os modelos, o apoio apresenta influência no bem-estar do indivíduo.

Além disso, o apoio social pode ser manifestado de diferentes maneiras, por meio do apoio emocional, instrumental e informacional (Langford, Bowsher, Maloney, & Lillis, 1997). O apoio emocional são todas atitudes afetivas que demonstram ao indivíduo que é amado e cuidado (Pierce, Sarason, Sarason, Joseph, & Henderson, 1996). O apoio instrumental se refere a todo auxílio concreto na resolução de um determinado problema, como, por exemplo, uma ajuda financeira (Pierce et al., 1996). Já o apoio informacional são as informações e orientações que o indivíduo recebe, como conselhos, que irão ajudá-lo a resolver um determinado problema (Langford et al., 1997).

No estudo do apoio social, também deve ser considerada a diferença entre apoio percebido e recebido. O apoio percebido é a percepção do jovem do quanto ele pode contar com o apoio das pessoas, relacionado com a percepção subjetiva da disponibilidade e satisfação com as fontes de apoio. O apoio recebido é a assistência efetivamente recebida pelo jovem. Tanto o apoio percebido quanto o recebido dependem de avaliações retrospectivas dos indivíduos (Barrera, 1986). Outro conceito importante é a rede de apoio social que tem influência sobre o desenvolvimento do indivíduo ao longo do ciclo vital. Rede de apoio é definida como o “conjunto de sistemas e pessoas significativas que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo” (Brito & Koller, 1999, p. 115). A rede de apoio é composta por relações próximas e significativas e também é dinâmica, pois, ao longo do desenvolvimento do indivíduo, alguns contatos da rede podem se modificar. Ao mesmo tempo, pode apresentar certa constância, pois há contatos que se mantêm ao longo de todo o ciclo vital, como entre os pais e filhos, que, de acordo com cada fase, assumem funções diferentes na rede de apoio (Brito & Koller, 1999). Em geral, os estudos sobre rede de apoio investigam aspectos mais quantitativos como, por exemplo, o número de pessoas que compõem a rede do indivíduo. Já os estudos sobre percepção de apoio social buscam conhecer a percepção subjetiva da pessoa.

Em virtude dos diferentes entendimentos do conceito, as comparações entre pesquisas envolvendo o estudo do apoio social são dificultadas por alguns aspectos metodológicos (Bokhorst, Sumter, & Westenberg, 2010). Há diversidade nos

instrumentos usados para avaliar o conceito (entrevistas, escalas, questionários). Além disso, existem várias definições de suporte social, diferenças de idade na amostra estudada e diferentes fontes de apoio investigadas (amigos, professores, comunidade, apoio geral) (Bokhorst et al., 2010).

Ao investigar a influência do suporte social na vida dos adolescentes, os estudos nacionais e internacionais indicam a presença de, pelo menos, três fontes de apoio importantes para o desenvolvimento: o apoio da família, da escola e dos amigos. O apoio da família foi percebido como maior fonte de suporte social por crianças e adolescentes brasileiros (Squassoni, 2012), que também apontaram outras fontes de apoio, como os membros da comunidade, amigos e, por último, os professores. Quanto ao apoio da escola, no estudo desenvolvido por Squassoni (2012), a percepção de apoio dos professores diminuiu com o aumento da idade e série das crianças e adolescentes, provavelmente, pela diversificação de disciplinas e de professores, reduzindo o contato professor-aluno. O apoio dos adultos (pais e professores) esteve vinculado ao envolvimento com a escola no estudo de Wang e Eccles (2012). No ensino fundamental, as meninas apresentaram maior participação na escola do que os meninos, sendo que os pais tendem a monitorar de maneira mais próxima o progresso das meninas, demonstrando a importância no cumprimento das atividades e regras escolares.

Ao mesmo tempo, a falta de apoio da família ou relações familiares percebidas como conflituosas podem apresentar influência negativa na vida do jovem. No estudo de Castro, Cunha e Souza (2011), os jovens que apresentaram maior comportamento violento (porte de arma, envolvimento em brigas e agressões físicas e tentativas de suicídio) apontaram maior insatisfação com o relacionamento entre pais e filhos. Os jovens entre 12 e 19 anos apresentaram maior percentual de comportamento violento, comparado a pré-adolescentes e jovens entre 20 e 21 anos. No estudo de Springer, Parcel, Baumler e Ross (2006), o baixo suporte parental percebido pelas meninas foi relacionado a comportamentos de risco como comportamento sexual de risco, uso de álcool e drogas, sugerindo baixo monitoramento dos pais.

Além do apoio da família e escola, outra fonte importante são os amigos. Ao comparar idade e a percepção de apoio social, Squassoni (2012) encontrou que os alunos do ensino médio apre-

sentaram maior apoio dos amigos, demonstrando que, com o aumento da idade, as relações externas à família ganham importância na vida do indivíduo. Este tipo de apoio pode ser evidenciado como fator de risco ou proteção ao adolescente. Alguns estudos apontam o apoio dos amigos como fator de risco ao envolvimento em comportamentos sexuais de risco, uso de substâncias e envolvimento em atos infracionais (Averna & Hesselbrock, 2001; Choo & Sim, 2010; Dumas, Ellis, & Wolfe, 2012; Michael & Bem-Zur, 2007; Park, Kim, & Kim, 2009). No estudo de Averna e Hesselbrock (2001), foi observada associação entre boas relações com pares e uso de álcool. Jovens que podem correr mais risco foram aqueles que apresentaram baixo apoio dos pais e professores combinado com alto apoio dos pares, considerando que o apoio da família e de adultos, em geral, pode mediar os efeitos possivelmente negativos do apoio dos amigos (Wang & Eccles, 2012). No entanto, é consenso entre os pesquisadores que o relacionamento interpessoal com pares na adolescência é fundamental para o desenvolvimento do jovem.

Além de investigar o apoio social em adolescentes que moram com suas famílias, estudos brasileiros também investigam apoio social em outros contextos como em adolescentes institucionalizados e que sofrem alguma doença crônica. O abrigo, para crianças e adolescentes institucionalizados, foi o local que mais apresentou membros na rede do jovem, seguido pela família, no estudo de Siqueira, Tubino, Schwarz e Dell'Aglio (2009). O fato de o abrigo ter sido o local que mais apresentou membros na rede de apoio é algo esperado, já que o jovem acolhido tem contato com um número grande de pessoas como os próprios jovens acolhidos, cuidadores e educadores. Quanto à qualidade e satisfação com as fontes de apoio, o abrigo e a família foram evidenciados como os locais mais importantes para as crianças e os adolescentes, sendo que o abrigo apresentou mais conflitos, contatos satisfatórios e insatisfatórios e foi considerada a principal fonte de apoio, sendo assim o principal contexto de desenvolvimento das crianças e adolescentes (Siqueira et al., 2009).

No caso dos adolescentes que apresentam alguma doença crônica, o apoio dos familiares, amigos e profissionais da saúde ajuda o jovem a vivenciar as dificuldades de ser doente crônico. Em adolescentes com Diabetes Mellitus tipo 1 (DM1), no estudo de Cassarino-Perez e Dell'Aglio (2014), os pais foram as principais fontes de apoio

citadas pelos jovens, seguido pelo apoio dos amigos. Ao investigar autonomia e tempo livre nesses adolescentes, foram encontradas correlações negativas com a idade. Esse resultado pode indicar que a proteção da família ao adolescente com DM1 pode estar relacionada aos cuidados necessários da saúde. Diante disso, o apoio dos profissionais da saúde pode ajudar a mediar a relação entre família e adolescente, auxiliando-os a vivenciar essa fase do desenvolvimento (Araújo, Neusa, Gomes, & Nóbrega, 2011).

Os estudos também demonstram diferenças por sexo na percepção de apoio social, sendo que em geral, as meninas percebem maior apoio dos amigos, mães e professores do que os meninos, que percebem maior suporte dos pais do que as meninas, indicando os efeitos da interação com gênero (Bokhorst et al., 2010; Brookmeyer et al., 2011; Colarossi & Eccles, 2003; Weber, Puskar, & Ren, 2010). Comparando os pais, as mães e os professores, tanto as meninas quanto os meninos indicaram menos apoio dos pais do que das demais fontes (Colarossi & Eccles, 2003).

A partir dos aspectos teóricos revisados, este estudo tem como objetivo verificar a percepção de apoio social de adolescentes estudantes de escolas públicas de Porto Alegre/RS, observando as variáveis sexo, idade e configuração familiar. Esse estudo justifica-se na medida em que procura conhecer a percepção de apoio social dos adolescentes de forma quantitativa, investigando a percepção de apoio da família, professores, amigos e percepção de apoio da comunidade em geral. O apoio da família, professores e amigos tem sido descrito na literatura como fontes importantes no desenvolvimento do jovem (Springer et al., 2006; Squassoni, 2014; Wang & Eccles, 2012). A idade parece influenciar na diversificação do apoio social, pois no período da infância para a adolescência, os amigos ganham maior importância no cotidiano do jovem (Squassoni, 2012). As diferenças por sexo também parecem estar relacionadas à percepção e disponibilidade de apoio social, na medida em que as meninas tendem a perceber maior apoio do que os meninos (Bokhorst et al., 2010; Brookmeyer et al., 2011; Colarossi & Eccles, 2003; Weber et al., 2010). Como o apoio da família tem sido evidenciado como a fonte de apoio social mais importante, buscou-se verificar se a percepção de apoio apresentaria variação conforme o tipo de configuração familiar.

MÉTODO

Este estudo, de caráter transversal quantitativo, está inserido em uma pesquisa maior, intitulada “Adolescência em diferentes contextos: Família e Institucionalização”, desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Adolescência (NEPA). Essa pesquisa teve por objetivo investigar de maneira longitudinal características pessoais, contextuais e familiares de adolescentes que vivem em diferentes contextos, verificando fatores de risco e de proteção.

Para este estudo, foram analisados os dados de 375 adolescentes, que moravam com suas famílias, com idades entre 13 e 19 anos ($M=15,78$; $DP=1,42$), estudantes entre a 7ª série do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio de escolas públicas da cidade de Porto Alegre/RS, sendo 66% meninas e 34% meninos.

Foram utilizados os seguintes instrumentos:

1. Uma ficha de dados sociodemográficos, para coletar informações sobre sexo, escolaridade, configuração familiar, entre outras.
2. *Social Support Appraisals* (SSA; Vaux et al., 1986), adaptado para o Brasil por Squassoni e Matsukura (2014), com objetivo de verificar o apoio social percebido pelos participantes. É uma escala *likert* de seis pontos que variam de “concordo totalmente” a “discordo totalmente”. Apresenta sete questões negativas e 23 questões afirmativas, tais como “eu sou bastante querido pela minha família”, “eu me sinto muito ligado aos meus amigos”, entre outras, a partir de quatro subescalas: amigos (7 itens), família (8 itens), professores (7 itens) e apoio geral (8 itens). Os valores na escala variam entre 30 e 180 e o estudo original apresentou boa consistência interna da escala, com *Alpha de Cronbach* de 0,74 (Squassoni & Matsukura, 2014). O *Alpha de Cronbach* neste estudo foi de 0,91.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, e aprovado sob o parecer 2009060. A partir do número de alunos matriculados no ensino público da cidade, foi realizado cálculo amostral com margem de erro de 4% (Barbetta, 2001). Foi composta uma amostra aleatória por conglomerados, a partir do sorteio das escolas participantes (12 escolas estaduais e uma municipal) e das turmas. As escolas foram contatadas, tendo assinado o Termo

de Concordância da Instituição. Após convite às turmas selecionadas, foi obtido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos pais ou responsáveis assim como o Termo de Assentimento dos adolescentes interessados em participar. Foram realizadas duas etapas de coleta de dados, com um intervalo médio de 10 meses, sendo que na segunda etapa foi aplicado o SSA (adaptado por Squassoni & Matsukura, 2014). Na primeira etapa participaram 689 adolescentes e na segunda etapa participaram 376 adolescentes que foram localizados e aceitaram participar novamente, com perda amostral de 46%, devido à evasão escolar, transferência, ou desistência em participar do estudo. A aplicação dos questionários nas duas coletas foi realizada de forma coletiva, em sala de aula, tendo duração máxima de 60 minutos.

Os dados foram analisados com o auxílio do SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 19. Foram realizadas análises descritivas e análises inferenciais através do *Teste T de Student*, para verificar a diferença por sexo na percepção de apoio social, *Correlações de Pearson* para investigar relações entre idade e percepção de apoio social e Análise de Variância (ANOVA) para verificar a percepção de apoio social, considerando diferentes tipos de configuração familiar.

RESULTADOS

Quanto aos dados sociodemográficos da amostra, 7,7% cursavam a 7ª série do ensino fundamental, 24,5% cursavam a 8ª série do ensino fundamental, 27,5% estavam cursando o 1º ano do ensino médio, 22,4% cursavam o 2º ano, 17,9%, o 3º ano. Quanto à configuração familiar, 53,3% morava com seus pais (família nuclear), 29,1% morava somente com um dos pais (família monoparental), 13,1% morava com um dos pais e com o(a) companheiro(a) dos pais (família reconstituída), 4% morava somente com avós, tios, irmãos ou primos e 0,5% com famílias adotivas.

Quanto à percepção de apoio social, avaliada através do SSA (Vaux et al., 1986; adaptada por Squassoni & Matsukura, 2014), foi observada uma variação entre 42 e 180, com média de 148,13 ($DP=19,17$). A escala apresentou consistência interna alta (*Alpha de Cronbach*= 0,91), sendo que a média dos itens variou entre 3,46 a 5,57 ($M=4,93$; $DP=1,45$). O item com média mais baixa ($M=3,47$; $DP=1,56$) refere-se à percepção de

ligação afetiva com os professores enquanto que a média mais alta ($M=5,57$; $DP=0,91$) esteve relacionado à preocupação da família. Os resultados

relativos às subescalas, que avaliam apoio da família, dos professores, amigos e apoio geral, são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. Dados Descritos da Escala SSA e Subescalas

Subescala	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
Família	42,46	6,44	8	48
Professores	30,54	6,52	7	42
Amigos	35,83	5,61	7	42
Geral	39,31	6,23	8	48
Total	148,13	19,17	42	180

Fonte: primária.

Foram realizadas análises dos escores da percepção de apoio social considerando o sexo, a idade e a configuração familiar. Na Tabela 2 são apresentadas as médias por sexo. Foi observada diferença estatisticamente significativa entre os sexos, sendo que as meninas percebem mais apoio no total da

escala ($t=-2,04$; $gl=373$; $p<0,046$) e mais apoio social dos amigos ($t=-1,725$; $gl=373$; $p<0,049$) que os meninos. Também foram realizadas análises por sexo, considerando os subtipos de apoio (família, amigos, professores e apoio geral), embora não tenham sido encontradas diferenças significativas.

Tabela 2. Média na Escala SSA e Subescaça por Sexo

Subescala	Meninas (n=252)	Meninos (n=123)	p
Família	42,63 ($\pm 6,59$)	42,11 ($\pm 6,14$)	0,448
Professores	30,94 ($\pm 6,31$)	29,71 ($\pm 6,87$)	0,095
Amigos	36,23 ($\pm 5,46$)	35,02 ($\pm 5,85$)	0,049
Geral	39,71 ($\pm 6,30$)	38,48 ($\pm 6,03$)	0,069
Total	149,51 ($\pm 19,07$)	145,31 ($\pm 19,17$)	0,047

Fonte: primária.

Para observar o efeito da idade na percepção de apoio social, foi realizada uma análise de correlação, que não apresentou resultado significativo. Quanto aos diferentes tipos de configuração familiar, uma ANOVA não indicou diferença significativa. As médias encontradas na escala e nas subescalas são apresentadas na Tabela 3. Para esta análise, participaram 358 adolescentes que viviam

em família nuclear (adolescentes que moravam com os dois pais), reconstituída (adolescentes que moravam com um dos pais e o (a) companheiro (a) e monoparental (adolescentes que moravam com um dos pais). Os outros 17 adolescentes não participaram da análise por configuração familiar, pois moravam com famílias adotivas, avós, tios ou primos.

Tabela 3. Médias na Escala SSA e Subescalas por Tipo de Configuração Familiar

Subescala	Nuclear (n=200)	Reconst. (n=49)	Monoparent. (n=109)	F	p
Família	42,93($\pm 6,12$)	40,94 ($\pm 8,03$)	42,11 ($\pm 6,41$)	2,38	0,094
Prof.	30,56 ($\pm 6,89$)	30,73 ($\pm 6,24$)	30,75 ($\pm 5,77$)	0,15	0,864
Amigos	35,76 (5,99)	36,16 ($\pm 5,15$)	35,82 ($\pm 5,65$)	0,06	0,938
Geral	39,79 ($\pm 6,26$)	38,86 ($\pm 6,71$)	38,75 ($\pm 6,11$)	1,16	0,315
Total	149,05 ($\pm 19,51$)	146,69 ($\pm 21,29$)	147,38 ($\pm 17,91$)	0,46	0,631

Fonte: primária.

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo mostraram-se semelhantes aos resultados do estudo de Squassoni e Matsukura (2014), no que se refere às médias das subescalas, embora a consistência interna do SSA neste estudo (*Alpha de Cronbach*= 0,91) tenha sido superior à encontrada por Squassoni e Matsukura (2014), de 0,74. No entanto, destaca-se que o estudo original utilizou uma amostra de crianças e adolescentes (nove a 18 anos de idade) e este estudo investigou a percepção de apoio social apenas entre adolescentes de 13 a 19 anos.

Merece destaque o item com média mais baixa que foi ligado ao apoio dos professores (“não me sinto muito ligado aos meus professores”), indicando que muitos adolescentes não se sentem ligados afetivamente aos professores. O item com média mais alta foi relacionado à preocupação da família. A percepção de maior apoio da família e de menor apoio dos professores também foi observada no estudo de Bokhorst et al. (2010), com adolescentes holandeses. Os pesquisadores verificaram diferenças por idade na percepção de apoio dos professores entre crianças (9 a 12 anos) e adolescentes (13 a 18 anos), com maior percepção de apoio dos professores entre os mais novos. Esse dado sugere que, ao longo do desenvolvimento e com o avanço nas séries escolares, ocorre um aumento no número de professores e de disciplinas, com uma tendência a diminuir o contato professor-aluno.

Os estudos destacam a importância do apoio dos professores para o desenvolvimento dos jovens (Libório, Coêlho, & Castro, 2011; Wang & Eccles, 2012). Libório et al. (2011), ao investigar a satisfação de adolescentes com a escola, encontraram que quase um quinto da amostra (20%) não confiava nos professores ou não podia contar com eles e com a equipe escolar. Nesse caso, tanto os professores quanto a equipe diretiva podem deixar de funcionar como fonte de proteção ao jovem, pois após o contato com a família, a escola é a segunda instituição em que o jovem passa a maior parte do seu tempo. Diante disso, a escola é compreendida como um ambiente não somente de aprendizagem, mas também de convivência comunitária, sendo muito importante que os jovens confiem nos professores, pois os professores podem ser uma fonte de escuta, acolhimento e orientação ao adolescente.

O escore alto no item (“a minha família se preocupa bastante comigo”) referente à preocupa-

ção da família com o adolescente demonstra que a família é uma importante fonte de apoio social percebida pelos adolescentes. Esse resultado pode indicar que os adolescentes percebem a preocupação de seus pais, o que provavelmente deve estar relacionado ao cuidado e monitoramento dos mesmos. O cuidado dos pais e o apoio familiar têm sido relacionados a resultados positivos no desenvolvimento dos adolescentes. Estudos evidenciam o quanto o apoio da família está ligado a menores índices de sintomas depressivos (Auerbach et al., 2011) e maior percepção de autoestima (Weber et al., 2010). Além disso, boa comunicação e apoio dos pais estão correlacionados ao menor envolvimento com álcool e drogas (Michael & Bem-Zur, 2007; Springer et al., 2006) já que ter relações positivas e estáveis entre pais e filhos pode possibilitar sentimentos positivos e maior afetividade nesse relacionamento, além de que o ambiente doméstico passa a ser visto como agradável de conviver.

No que se refere às diferenças por sexo, as meninas perceberam maior apoio social do que os meninos no valor total da escala e apoio social dos amigos, indicando que existem diferenças por sexo na percepção de apoio social, resultado já encontrado por outros pesquisadores (Hamama & Ronen-Shenhav, 2012; Springer et al., 2006). Apesar de não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas por sexo nos subtipos de apoio (família, professores, geral), as meninas apresentam médias de percepção de apoio em cada subescala relativamente maiores do que os meninos. O fato das meninas perceberem maior apoio dos professores do que os meninos pode ser influenciado por questões de gênero, segundo Bokhorst et al. (2010), pois a maioria dos professores na Holanda são do sexo feminino, como no Brasil, o que possibilita a maior interação com as meninas. Para Springer et al. (2006) as famílias tendem a proteger mais as meninas do que os meninos, esperando que essas tenham relações mais fortes com a família e escola, enquanto os meninos têm mais liberdade para frequentar outros espaços. Ao mesmo tempo em que as diferenças por sexo podem estar relacionadas aos modos de criação dos pais, as representações sociais do feminino e masculino estão presentes ao longo da história e influenciam nas relações sociais atuais. Por exemplo, no passado, às mulheres estava reservado o espaço do lar e, aos homens, o espaço público e político (Colling, 2004).

No estudo de Costa e Dell'Aglio (2009) com jovens brasileiros de 14 a 24 anos, as meninas

também perceberam maior apoio dos professores do que os meninos, que perceberam maior apoio da comunidade. Ao investigar a presença de amigos em diferentes meios como escola, bairro e rua, as meninas relataram ter mais amigos na escola do que os meninos, que tiveram mais amigos na rua e no bairro. Esses dados podem estar associados às diferenças de gênero, pois ter mais atividades voltadas para ambientes externos à casa e à escola é, com frequência, relacionado culturalmente à masculinidade. Por outro lado, é esperado culturalmente que as meninas demonstrem mais afeto do que os meninos. Esses, ao contrário, são criados esperando que suas manifestações emocionais sejam minimizadas. Logo, as relações interpessoais permeadas pelas diferenças de gênero estão presentes em todos os contextos de interação do jovem. No contexto escolar, Carvalho (2001) pontua algumas representações sociais, percebidas pelos educadores, relacionadas ao desempenho e comportamento de meninas e meninos. O bom desempenho escolar está, frequentemente, associado a características mais femininas. Quanto ao comportamento, os meninos são frequentemente vistos com comportamento indisciplinado, associado à agressividade e mais pautado na força física. Por isso, ao educar meninos e meninas no contexto escolar, Carvalho (2001) destaca que os meninos não devem ser associados a comportamento agressivo e desempenho escolar inferior, pois a escola pode estar contribuindo para que eles assumam as formas de masculinidade (agressividade, baixo desempenho, comportamentos pautados na força) como única forma de realização neste ambiente.

Outro resultado importante é a percepção de apoio semelhante em todos os tipos de configuração familiar. Ao trabalhar com adolescentes de diferentes configurações familiares, é importante repensar os valores sociais e culturais, buscando a qualidade nas relações familiares e a promoção de saúde de seus membros a partir das novas configurações familiares (Oliveira, Siqueira, Dell'Aglio, & Lopes, 2008). Frequentemente, o senso comum associa famílias reconstituídas a prejuízos no bem-estar de crianças e adolescentes. Porém, a literatura ressalta o quanto a qualidade das relações entre pais e filhos é mais importante do que a configuração familiar. O estudo de Wagner et al. (1999) investigou bem-estar em adolescentes brasileiros provenientes de famílias intactas e reconstituídas, e também não encontrou

diferença no nível de bem-estar dos adolescentes entre as duas configurações familiares. Sbicigo e Dell'Aglio (2013) não encontraram diferenças nos escores de autoestima e de percepção do clima familiar entre adolescentes de famílias monoparentais, reconstituídas e nucleares. No entanto, no estudo de Schültz (2014) com crianças entre nove e 13 anos, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na percepção de bem-estar com relação à configuração familiar. As crianças provenientes de famílias intactas perceberam maior bem-estar, enquanto que crianças de famílias reconstituídas apresentaram as médias mais baixas. Desse modo, pode-se verificar que não há consenso na literatura quanto à influência das configurações familiares no desenvolvimento dos jovens, sendo necessários ainda novos estudos, especialmente longitudinais, que possibilitem a compreensão dessa questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou algumas considerações sobre a percepção de apoio social em adolescentes estudantes de escola públicas de Porto Alegre e sugere algumas reflexões no que tange ao apoio social. As meninas apresentaram maior percepção de apoio social dos amigos e no total da escala em comparação aos meninos, sugerindo diferenças de gênero. Isto não quer dizer que os meninos não percebem apoio social, mas que valorizam ou percebem de maneira diferente a disponibilidade de apoio. Esse resultado pode estar refletindo expectativas sociais de que os meninos solicitem menos ajuda e conselhos e que esperem menos atitudes de apoio das outras pessoas, enquanto, por outro lado, é esperado que as meninas mantenham relações afetivas mais próximas.

Quanto às diferenças entre as fontes de apoio, o item com média mais baixa se refere ao apoio dos professores, e o item com a média mais alta refere-se à preocupação da família. Este resultado sugere que a família pode estar representando, para o jovem, um ambiente de proteção, à medida que denota preocupação com o mesmo. Já a percepção de menor apoio dos professores, pode indicar algum distanciamento na relação professor/aluno, embora a escola deva se constituir numa importante fonte de apoio, onde o jovem deveria sentir-se seguro para contar com ajuda de seus membros.

Da mesma forma, destaca-se a percepção dos adolescentes quanto ao apoio da família e dos adultos, independente do tipo de configuração familiar. Esse resultado pode estar indicando que a percepção de apoio não depende de como a família é composta, mas da qualidade das relações. Assim, o afeto e o vínculo podem ser transmitidos por todos os membros da família como pais, irmãos, madrasta, padrasto e seus respectivos filhos que coabitam no mesmo espaço. Para os profissionais que trabalham diretamente com adolescentes e suas famílias, este dado indica a importância de fortalecer os vínculos. Além disso, ideias preconcebidas de que famílias monoparentais ou reconstituídas prejudicam o adolescente devem ser repensadas, pois podem interferir nas intervenções realizadas. Ao contrário, frente às mudanças que podem ocorrer ao longo do ciclo vital, como separação dos pais, o adolescente pode lançar estratégias de enfrentamento adaptativo e desenvolver habilidades para um ajustamento positivo (Bou, Walters-Pacheco, & Serrano-Garcia, 2008). Por conseguinte, é responsabilidade dos profissionais que atuam junto a jovens, estimular e fortalecer tais estratégias e habilidades. Sentir-se pertencente e respeitado pela sua família, além de poder contar com a ajuda de seus membros para enfrentar situações de crise, pode fortalecer o adolescente nessa etapa do desenvolvimento, momento importante do ciclo vital.

Como limitações do estudo, ressalta-se que os resultados se referem a uma amostra de adolescentes de escolas públicas de Porto Alegre. Novos estudos poderiam ampliar a amostra e abarcar adolescentes de outros contextos como, por exemplo, de escolas privadas ou, ainda, do interior do estado, assim como de outros locais do país. Também, seria importante verificar as diferenças de percepção de apoio social na infância e adolescência, observando aspectos desenvolvimentais no que se refere ao apoio percebido de diversas fontes, por meio de estudos longitudinais. De modo geral, destaca-se a importância do apoio social ao longo do desenvolvimento, especialmente em contextos como família, escola e comunidade, que devem se constituir como fontes de apoio e confiança aos jovens, permitindo seu desenvolvimento saudável.

REFERÊNCIAS

- Araújo, Y., Neusa, C., Gomes, I., & Nóbrega, R. (2011). Enfrentamento do adolescente em condição crônica: Importância da rede social. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 64(2), 281-286.
- Auerbach, R., Bigda-Peyton, J., Eberhart, N., Webb, C., & Ringo Ho, M. (2011). Conceptualizing the prospective relationship between social support, stress, and depressive symptoms among adolescents. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39, 475-487.
- Averna, S., & Hesselbrock, V. (2001). The relationship of perceived social support to substance use in offspring of alcoholics. *Addictive Behaviors*, 26, 363-374.
- Barbetta, P. A. (2001). *Estatística aplicada às ciências sociais*. Florianópolis: UFSC.
- Barrera, J. M. (1986). Distinctions between social support concepts measures, and model. *American Journal of Community Psychology*, 14(4), 413-445.
- Bokhorst, C., Sumter, S., & Westenberg, P. (2010). Social support from parents, friends, classmates, and teachers in children and adolescents aged 9 to 18 years: Who is perceived as most supportive? *Social Development*, 18(2), 417-426.
- Bou, F., Walters-Pacheco, K., & Serrano-Garcia, I. Cambios... (2008) ¿Cómo influyen en los y las adolescentes de familias reconstituídas? *Interamerican Journal of Psychology*, 42, (1), 91-100.
- Brito, R. C., & Koller, S. H. (1999). Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In A. Carvalho (Org.). *O mundo social da criança: Natureza e cultura em ação* (pp.115-129). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Brookmeyer, K., Henrich, C., Cohen, G., & Shahar, G. (2011). Israeli adolescents exposed to community and terror violence: The protective role of social support. *Journal of Early Adolescence*, 31, 4, 577-603.
- Carvalho, M. (2001). Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas? *Estudos Feministas*, 9(2), 554-574.
- Cassarino-Perez, L., & Dell'Aglio, D. D. (2014). Health-related quality of life and social support in adolescents with type 1 diabetes. *Spanish Journal of Psychology*, 17, 1-9.
- Castro, M., Cunha, S., & Souza, D. (2011). Comportamento de violência e fatores associados entre estudantes de Barra do Garças, MT. *Revista de Saúde Pública*, 45(6), 1054-1061.

- Choo, H., & Sim, T. (2010). Health risk behaviours of foreign-born adolescents in Singapore: Exploration of risk factors in an Asian context. *British Journal of Social Work, 40*, 2203-2222.
- Cobb, S. (1976). Social support as a moderator of life stress. *Psychosomatic Medicine, 38*(5), 300-314.
- Cohen, S., & Wills, T. (1985). Stress, social support, and the buffering hypothesis. *Psychological Bulletin, 98*(2), 310-357.
- Colarossi, L., & Eccles, J. (2003). Differential effects of support providers on adolescents' mental health. *Social Work Research, 21*(1), 19-30.
- Colling, A. (2004). A construção histórica do feminino e do masculino. In M. Strey, S. Cabeda, & D. Prehn (Eds.), *Gênero e cultura: Questões contemporâneas* (pp. 13-38). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Costa, L. G., & Dell'Aglio, D. D. (2009). A rede de apoio social de jovens em situação de vulnerabilidade. In R. M. C. Libório & S. H. Koller (Eds.), *Adolescência e juventude: Risco e proteção na realidade brasileira* (pp. 219-263). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dumas, T., Ellis, W., & Wolfe, D. (2012). Identity development as a buffer of adolescent risk behaviors in the context of peer group pressure and control. *Journal of Adolescence, 35*, 917-927.
- Hamama, L., & Ronen-Shenhav, A. (2012). Self-control, social support, and aggression among adolescents in divorced and two-parent families. *Children and Youth Services Review, 34*, 1042-1049.
- Langford, C., Bowsher, J., Maloney, J., & Lillis, P. (1997). Social support: A conceptual analysis. *Journal of Advanced Nursing, 25*, 95-100.
- Libório, R., Coêlho, A., & Castro, B. (2011). Escola: Risco ou proteção para adolescentes e adultos jovens. In D. D. Dell'Aglio & S. H. Koller (Eds.), *Adolescência e juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção* (pp. 109-138). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Michael, K., & Ben-Zur, H. (2007). Risk-taking among adolescents: Associations with social and affective factors. *Journal of Adolescence, 30*, 17-31.
- Oliveira, D., Siqueira, A. C., Dell'Aglio, D. D., & Lopes, R. (2008). Impacto das configurações familiares no desenvolvimento de crianças e adolescentes: Uma revisão da produção científica. *Interação em Psicologia, 12*(1), 87-98.
- Park, S., Kim, H., & Kim, H. (2009). Relationships between parental alcohol abuse and social support, peer substance abuse risk and social support, and substance abuse risk among South Korean adolescents. *Adolescence, 44*(173), 87-99.
- Pierce, G., Sarason, B., Sarason, I., Joseph, H., & Henderson, C. (1996). Conceptualizing and assessing social support in the context of the family. In G. Pierce, B. Sarason, & I. Sarason (Eds.), *Handbook of social support and the family* (pp. 03-24). New York: Plenum Press.
- Sbicigo, J. B. & Dell'aglio, D. D. (2012). Family environment and psychological adaptation in adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 25*, 615-622.
- Schültz, F. F. (2014). *Bem-estar em crianças de diferentes configurações familiares e em acolhimento institucional*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- Siqueira, A., Tubino, C., Schwarz, C., & Dell'Aglio, D. D. (2009). Percepção das figuras parentais na rede de apoio de crianças e adolescentes institucionalizados. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 61*(1), 176-190.
- Springer, A., Parcel, G., Baumler, E., & Ross, M. (2006). Supportive social relationships and adolescent health risk behavior among secondary school students in El Salvador. *Social Science & Medicine, 62*, 1628-1640.
- Squassoni, C. (2012). *Confiabilidade, validade e estudo dos padrões normativos da versão brasileira do Social Support Appraisals (SSA)*. Tese (Doutorado em Educação Especial) Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo.
- Squassoni, C. E., & Matsukura, T. S. (2014). Adaptação transcultural da versão portuguesa do Social Support Appraisals para o Brasil. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 27*(1), 1-10.
- Vaux, A., Philips, J., Holly, L., Thompson, B., Williams, D., & Stewart, D. (1986). The Social Support Appraisals (SSA) Scale: Studies of reliability and validity. *American Journal of Community Psychology, 2*, 195-220.
- Wagner, A., Ribeiro, L., Arteché, A., & Bornholdt, E. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 12*(1), 147-156.
- Wang, M., & Eccles, J. (2012). Social support matters: Longitudinal effects of social support of three dimensions of school engagement from middle to high school. *Child Development, 83*(3), 877-895.
- Weber, S., Puskar, K., & Ren, D. (2010). Relationships between depressive symptoms, perceived social support, self-esteem, e optimism in a sample of rural adolescents. *Issues in Mental Health Nursing, 31*, 584-588.

Social Support Perception of Adolescents from Public Schools

ABSTRACT

Studies have evidenced the importance of social support perception in different stages of the vital cycle. This cross-sectional and quantitative study aimed to know the social support perception (support from the family, teachers, friends and general support) in adolescents, considering the variables sex, age and family configuration. Three hundred and seventy-five students of public schools in Porto Alegre/ RS, aged 13-19 years old participated in the study and answered the Social Support Appraisals Scale. Girls presented significantly higher average in scale and a higher perceived support from friends than boys. No significant differences regarding the social support perception were found considering age and type of family configuration. The importance of social support in contexts such as family and school in the development of adolescents and the influence of gender on perceived social support are discussed.

Keywords: Adolescence, Social Support, Gender

Recebido em: 21/09/2015

Avaliado em: 12/10/2015

Correções em: 30/11/2015

Aprovado em: 30/11/2015

Editor: Vinícius Renato Thomé Ferreira